Proletários de todos os países, uni-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Nº 117 Julho de 1977 ANO XIII

OS GENERAIS NÃO PODERÃO DETER A LUTA CONTRA A DITADURA

O governo arbitrário de Geisel passou ao contra-ataque. Após os duros golpes recebidos nos últimos meses com as manifestações e lutas de repúdio à ditadura, recorre aos velhos métodos intimidativos na esperança vã de conter o crescimento das forças de oposição ao regime.

Cassou o mandato de Alencar Furtado, cuja indicação ao posto de líder do MDB na Câmara Federal descontentara os militares. Atacou o movimento estudantil, utilizando não apenas a polícia de choque que feriu e prendeu centenas de estudantes, mas também a expulsão de dezenas de alunos das universidades. Contra vários deles instaurou ação penal baseada na Lei de Segurança. Deteve operários. Reforçou o controle do rádio e da televisão, assim como a censura a órgãos de imprensa. Convocou artistas de teatro à Polícia Federal para prestar informações descabidas. Expulsou religiosos do país. Chegou até mesmo ao absurdo de ameaçar e cercear a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Todas essas violências foram praticadas com o objetivo de amedrontar o movimento democrático e pôr em defensiva as forças populares. Os generais sentem que se acentua o seu isolamento político e que a maioria esmagadora da nação está contra o seu regime anti-popular e anti-nacional. Só lhes resta o emprego da repressão sempre mais indiscriminada. Não têm nenhuma perspectiva política.

Enquanto reprimem, vai-se agravando a situação do país e do povo. A dívida externa saltou para a casa dos trinta bilhões de dólares. A inflação alcançou níveis superiores a 50%. A carestia de vida tornou-se intolerável. Tudo sobe de preço a cada semana, a cada dia. Apenas os salários continuam os mesmos, abaixo do nível de 1964, só renováveis uma vez por ano e em proporções inferiores ao aumento do custo de vida. Muitas obras estão paralisadas por falta de verbas, o que acarreta desemprego. Cresce o número de falências e concordatas. O ensino apresenta falhas clamorosas, é caro e de baixo nível.

Com as medidas repressivas, alguns setores da oposição burguesa caem no desânimo. Deixam-se impressionar pelos atos despóticos do governo e

pelas ameaças de maior "endurecimento" do sistema. Perdem as últimas esperanças na "abertura" prometida por Geisel e Golberi. Voltam-se para a possibilidade remota de que o seu sucessor retome o caminho das promessas nunca cumpridas de democratização do país. Ilusão infundada! O novo ditador de plantão, se chegar a assumir o seu cargo, prosseguirá na mesma trajetória anti-popular e anti-nacional de seus antecessores.

O contra-ataque dos militares, porém, é de pequeno fôlego. Eles não poderão deter o avanço das verdadeiras forças oposicionistas. Acumula-se o descontentamento em amplos setores da população que tende a explodir em ações vigorosas. Os fatores contrários à sua política continuam se desenvolvendo num ritmo acelerado. Tantas vezes tentaram barrar e aniquilar o movimento patriótico e democrático. Tantas vezes esse movimento ressurgiu com energias redobradas. E assim ocorrerá até a derrubada da ditadura.

Esta tarefa, no entanto, não é fácil nem realizável a curto prazo. Ainda que o regime militar esteja em crise e se deteriore sempre mais, não cairá por si mesmo nem com a simples pressão política. Somente a luta em nível mais e mais elevado, uma combativa movimentação de todas as forças anti-ditatoriais poderá mudar o curso da situação. Particularmente, faz-se necessário pôr em ação a classe operária e as massas camponesas. São os dois maiores contingentes populacionais, os que possuem potencialmente mais decisão e impulso revolucionário. O proletariado dá mostras de grande insatisfação. Se ainda não desempenha seu papel é porque está contido pela reação e sobretudo por falta de organização e de direção eficiente. O controle policial dos sindicatos e das empresas é permanente, mas pode ser contornado e destroçado pelo trabalho hábil e coletivo das massas operárias. No campo, além da luta pela terra e contra a grilagem, impõe-se o combate pelas reivindicações numerosas e sentidas dos assalariados agrícolas e das massas sem terra e sem trabalho, que curtem fome e vivem na miséria. Quando as fábricas e o campo erguerem-se amplamente na luta decidida pelos direitos dos trabalhadores e contra a ditadura, o domínio dos generais conhecerá o seu fim.

Os militares não conseguirão impedir o avanço continuado das forças anti-ditatoriais.

MANTER SEMPRE BEM ALTA
A BANDEIRA INVENCÍVEL DO MARXISMO-LENINISMO

Há quatro anos, A CLASSE OPERÁRIA publicava o artigo "Acerca da luta antiimperialista". Esse artigo representou uma firme tomada de posição do Comitê central do Partido Comunista do Brasil a respeito do falso papel atribuído ao chamado terceiro mundo. Armou os comunistas brasileiros de uma justa compreensão dos problemas relacionados com a frente única antiimperialista, deu clara perspectiva da luta pela revolução e pela hegemonia do proletariado.

No decurso desse tempo, a vida confirmou plenamente a apreciação feita na referido artigo. O Partido não se deixou levar pela nociva orientação que predicava soluções reformistas, terceiro-mundistas, aos países depen

dentes, Evitou, assim, a confusão ideológica em suas fileiras,

Hoje, quando toma corpo e tenta arraigar-se no movimento comunista a teoria dos Três Mundos, desorientadora e anti-revolucionária, "Acerca da luta antiimperialista" adquire maior importância e tem grande atualidade para o nosso Partido. Ainda que não aborde todas as questões implícitas ' nessa teoria, a argumentação que desenvolve contrapõe-se, em essência, às teses errôneas que lhe dão forma.

Presentemente, no centro da discussão ideológica situa-se a teoria dos Três Mundos, exigindo combate perseverante a todos os seus aspectos. Vivemos um momento de definições. Novamente, como na década de 60, coloca-se a questão de aceitar ou refutar uma orientação que afeta substancialmente os princípios revolucionários do marxismo-leninismo.

A "decadência" do imperialismo ianque

Um dos argumentos mais em voga lançado pelos partidários da teoria dos Três Mundos é a hipotética decadência do imperialismo americano. Essa decadência determinaria a possibilidade de ele vir a ser um dos aliados na luta contra o social-imperialismo e facilitaria a ascensão do terceiro mundo. O artigo de A CLASSE OPERÁRIA já contestava essa tese que não é nova nem original e sempre esteve vinculada ao "caminho pacífico".

Os comunistas brasileiros conhecem, desde há muito, seu verdadeiro conteúdo. Em 1945, baseado no browderismo, Prestes defendia a idéia de que o imperialismo estava "de dentes quebrados" e, com isto, admitia de certo modo mudança em sua natureza. Segundo ele, os Estados Unidos já não poderiam impedir o avanço da democracia nos diversos países. Fundamentava assim, a orientação oportunista, do caminho pacífico, que então o Partido adotava. Não custou muito para que esta opinião revelasse toda a sua inconsistência. Em 1947, Truman passou à ofensiva visando ao domínio do mundo, a precária democracia no Brasil desapareceu.

Mais tarde, em 1956, era Kruschov quem afirmava que o imperialismo estava "de dentes quebrados". Teria havido uma profunda alteração na correlação de forças em escala mundial, que possibilitaria ao movimento comunista e operário alcançar seus objetivos pela via pacífica. E ainda mais, com a "decadência" do imperialismo ter-se-iam criado condições para a existência de um mundo "sem armas e sem guerras". Tal orientação causou profundos danos ao movimento revolucionário. Não correspondia em absoluto à realidade.

Agora, com novas roupagens e idêntica feição oportunista, a mesma questão retorna à cena política. Ao falar na "decadência" do imperialismo ianque procura-se minimizar sua atividade agressiva e rapace, apresentá-lo como menos perigoso que o seu rival soviético, justificar a aliança com ele (apoiar-se numa superpotência para lutar contra a outra). Levada às últimas consequências, esta proposição acarretaria uma catástrofe aos povos.

O imperialismo, já afirmava Lênin, é o capitalismo moribundo, em decomposição. Embora continue a se desenvolver, já chegou, como sistema, ao seu limite extremo, entrou na pendente fatal. Nesse sentido, pode-se falar na decadência do imperialismo, tanto norte-americano como soviético e outros. Ela indica que amadureceram as condições históricas para o socialismo, que a revolução proletária passou a ser uma necessidade objetiva.

Mas a decadência mencionada pelos partidários da teoria dos Três Mundos é bem outra. Segundo eles, decadente é o imperialismo que se deixou ultrapassar pelos seus competidores, que está em declínio em relação à posição antes ocupada no quadro da exploração mundial. Nesse caso - insinuam claramente - sua natureza já não é a mesma de outrora. Pode jogar um papel positivo na luta contra os mais poderosos, tornar-se até mesmo reserva da revolução. No entanto, a natureza agressiva, expansionista e saqueadora é intrínseca do capitalismo em sua fase monopolista. Em qualquer circunstância continuará manifestando-se e o acompanhará até o final de seus dias. É sabido que o imperialismo inglês, francês, alemão e japonês perderam o "esplendor" de outros tempos e que o norte-americano viu restringir-se seus planos ambiciosos de após-guerra. Todavia o imperialismo inglês enfrentou a Alemanha nazista. E juntamente com o francês, na década de 50, agrediu o Egito. Os monopolistas franceses, nos anos de 50 e 60, fizeram guerra na Indochina e na Argélia. O alemão e o japonês levantam a cabeça e preparam-se para disputar "um lugar ao sol". Quanto ao imperialismo ianque, este tem sido o campeão das agressões bélicas depois da II Grande Guerra. Todos sofreram reveses nos embates com o movimento de libertação nacional. Nem por isso conformaram-se com a derrota, tornaram-se inofensivos ou amigos dos povos. Todos, sem exceção, tratam de expandir-se e buscam formas neocolonialistas para realizar seus objetivos.

O imperialismo norte-americano é o maior explorador e opressor dos povos, um dos mais ferozes inimigos da liberdade e da independência nacional. Já demonstrou, com o emprego da bomba atômica sobre o Japão, e com os horrores da guerra na Coréia e no Vietnã, do que é capaz de fazer para obter seus propósitos. Dizem os defensores da teoria dos Três Mundos que atualmente ele estaria na defensiva, enquanto o social-imperialismo manter-se-ia na ofensiva. A defensiva nunca exprimiu mudança no conteúdo belicista e espoliador do imperialismo. Muitas vezes é a forma de preparar-se para uma futura agressão. Contudo, cabe perguntar: Quem está na ofensiva no Oriente-Médio, na América Latina, e mesmo no Índico? E em Portugal e na Espanha? Quem comanda a unificação militar da Europa Ocidental dentro da NATO? É evidente que são os Estados Unidos, apesar das contradições e divergências com alguns governos dessas regiões. Um dos critérios para avaliar a posição ofensiva ou defensiva de determinado país, no que tange às suas ambições de domínio mundial, é a preparação de guerra. Ora, os Estados Unidos estão na dianteira da corrida armamentista. Em volume global, nenhum outro país gasta tanto quanto eles, nenhum aperfeiçoa mais ativamente as armas mortíferas. Ainda agora, Carter dispõe-se a fabricar em série a bomba de nêutrons, arma que se destina a eliminar o homem numa escla incomensurável. Também a União Soviética intensifica sua indústria belicista. Aumentou desmesuradamente sua frota de guerra, multiplicou as ogivas de seus foguetes nucleares, criou novos tipos de armamento ofensivo e destruidor.

A verdade é que o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo russo estão em renhida porfia pela hegemonia mundial, e preparam nova carnificina. Um e outro tratam de conquistar posições estratégicas. Em certas zonas, a ofensiva está com os russos; em outras, com os norte-americanos. Seus planos, porém, chocam-se com a luta dos povos, que lhes desferem golpes repetidos e contrariam seus projetos de domínio. Algumas vezes são obrigados a retirar-se de lugares onde já se haviam instalado. Mas não desistem de levar avante seus intentos sinistros.

Justificando a "decadência" do imperialismo ianque, os adeptos da teoria dos Três Mundos alegam a superioridade em todos os terrenos do social-

imperialismo. É certo que o capitalismo se desenvolve de maneira desigual, existindo, portanto, a possibilidade de a URSS ultrapassar os Estados Unidos. Seria, porém, duvidoso afirmar em termos absolutos que os soviéticos já estão à frente dos norte-americanos. Convém assinalar que o grande desenvolvimento da União Soviética vem da época em que ali predominava o socialismo. Desde que se tornou imperialista, ela tem aumentado suas dívidas no exterior, atraído capitais estrangeiros para incrementar a produção, seu comércio externo sofreu sérios abalos com vultosas importações de cereais. É indiscutível que procurou expandir-se e transformou seus aliados em "satélites". Negocia amplamente com armamentos e inverte capitais fora de suas fronteiras objetivando o lucro máximo. Mas esse tipo de desenvolvimento é justamente um dos fatores da decomposição do novo sistema. Os Estados Unidos levam nítida vantagem nos ramos básicos da economia e no volume global do produto bruto, na esfera financeira e na tecnologia. E não fica atrás na criação de um potente arsenal bélico.

A ascendência de um país imperialista sobre os outros é um fator de guerra porque ele busca redividir o mundo em seu benefício, o que só poderá conseguir pela força. Sem dúvida, a União Soviética pretende o domínio do mundo, realiza uma política agressiva, hegemonista e contra-revolucionária. Mas os Estados Unidos ainda têm predominância sobre o social-imperialismo.

Admitindo que os soviéticos chegassem a ultrapassar os norte-americanos e tomassem a iniciativa de desencadear uma agressão em escala mundial, seriam eles, por acaso, os únicos agressores? Não estão também os Estados Unidos tentando a hegemonia? Ao defender as posições que dominam, os países imperialistas (em particular os Estados Unidos) preparam-se igualmente para atacar e derrotar o concorrente. Nos conflitos inter-imperialistas não existe agressor e agredido, causa justa e causa injusta. Os dois bandos fomentam a agressão, a causa que defendem é iníqua. Na guerra, eles continuam por outros meios a política expansionista e de rapina que vinham anteriormente executando.

A União Soviética, como potência social-imperialista, não pode ser subestimada. É um inimigo traiçoeiro e selvagem, um dos principais fautores de guerra. Sob o manto do socialismo, que ela traiu, e do leninismo, que ela renegou, tenta abrir caminho à dominação dos povos. Estes enfrentam a grande tarefa de desmascará-la e de destruir seus planos hegemonistas. Mas não é menos perigoso nem menos bárbaro o seu adversário na disputa mundial - o imperialismo ianque. Ele concentra o ódio das massas trabalhadoras e populares. Contra ele volta-se igualmente a luta dos explorados e oprimidos de todos os continentes.

Ao proletariado seria funesto tomar o partido de um ou de outro agrupamento belicista, aliar-se a qualquer deles. O inimigo principal, no caso são os dois bandos. Já na guerra inter-imperialista de 1914/18, Lênin expressou a verdadeira política proletária sustentando as decisões tomadas em Basiléia contra a guerra e pela transformação desta em guerra de libertação social. Os partidos que indagaram qual o agressor e o mais perigoso nesse entrevero de chacais, resvalaram para o chovinismo, traíram a causa internacional do proletariado. Se os partidos marxistas-leninistas de hoje se deixassem arrastar pelo absurdo de que em qualquer luta, mesmo nas contendas inter-imperialistas, há sempre um inimigo principal contra o qual a classe operária deve enfileirar-se ao lado de seu rival, iriam cometer o erro criminoso que levou à bancarrota da II Internacional.

Em suma, a pretensa inferioridade e decadência dos Estados Unidos, apregoada pelos teóricos dos Três Mundos, serve para adormecer a consciência revolucionária dos explorados pelo capital e para atá-los à estratégia de um dos blocos agressivos. Da mesma maneira, a suposta ajuda do revisionismo soviético à libertação nacional, seu aparente desejo de distensão no quadro mundial, decantados pelos serviçais do Kremlin, prestam-se para iludir os povos, fazê-los perder a vigilância e facilitar sua dominação. Apoiar-se numa das superpotências, quaisquer que sejam os pretextos invocados; acreditar em sua demagogia pacifista; admitir que uma delas poderia juntar-se aos oprimidos para auxiliar sua emancipação - é incorrer no mais grave dos erros, afastar-se do princípio da luta de classes, voltar as costas à revolução e cair no pântano do oportunismo.

O Terceiro Mundo

Como peça decisiva da teoria dos Três Mundos entra o chamado terceiro mundo. Ele seria, nas condições atuais, a força motriz do desenvolvimento social, a base fundamental para a destruição das superpotências e, em primeiro lugar, da União Soviética, apontada como o inimigo principal e mais perigoso. Representaria uma força em ascenso, conquistando vitórias após vitórias sobre o imperialismo. Os países que engloba estariam avançando na construção de uma sociedade independente e progressista.

Houve um tempo em que esse terceiro mundo ou países não-alinhados ou em vias de desenvolvimento - todas três designações exprimindo o mesmo conteúdo - pareciam unidos e obtendo êxitos consideráveis. Aí por volta de 1972/73 ganhou realce. A reivindicação das 200 milhas de mar territorial era apresentada como firme posição antiimperialista (presentemente os Estados Unidos, a União Soviética, a França, adotaram também as 200 milhas). A elevação do preço do petróleo foi saudada como a libertação dos países oprimidos pelo imperialismo e a exigência de valorização das matérias primas do terceiro mundo indicada como um novo caminho para a emancipação nacional. O terceiro mundo entrou na moda. Allende, no Chile; Peron, na Argentina; Velasco, no Peru; Fidel, em Cuba - todos se diziam terceiro-mundistas. Até Geisel andou namorando com essa corrente. Foi nessa época que determinados círculos revolucionários, socialistas, passaram a entoar loas ao terceiro mundo e a dizer-se parte integrante dele, obscurecendo a diferença de princípio entre o socialismo e o capitalismo.

Nosso Partido nunca aceitou essa estranha classificação, nem esse arremedo de frente única mundial antiimperialista. Desde 1973, mostrava a incoerência e o sentido oportunista que encerravam. "É falsa - dizia o artigo de A CLASSE OPERÁRIA -, tanto teórica como politicamente, a perspectiva de terceira posição apresentada por certas correntes ao movimento anti-imperialista".

Na atualidade, queiram ou não seus defensores, a concepção de terceiro mundo está em crise. A pretendida independência da maioria desses países não passou de ilusão fugaz. Em quase todos eles ocorreram modificações que puseram termo às veleidades antiimperialistas de seus governos. Tornaram-se ainda mais dependentes do capital financeiro internacional (incluindo o da União Soviética). Conforme os dados publicados recentemente pela CNUCD (Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento), apoiada em cifras fornecidas pelo Banco Mundial, a dívida externa desses países que, em 1974, era de 80 bilhões de dólares, agora elevou-se

para 240 bilhões, uma pesada carga que os transforma em vassalos das grandes potências do dinheiro. Tambem eles entraram na corrida dos armamentos. Nunca compraram tantas armas sofisticadas, que os amarram, técnica e militarmente, aos fornecedores imperialistas. Os golpes militares ou as eleições fraudulentas destruiram em muitos deles o que restava de liberdade democrática e instauraram sistemas ultra-reacionários e fascistas. Sua unidade quebrantou-se. Em vários, surgiram tendências anexionistas, e em diversas regiões explodiram disputas sangrentas. Índia, Indonésia, Síria, Irã e outros subjugaram pela força seus vizinhos ou realizam campanhas com esse objetivo. O Brasil submeteu países limítrofes aos seus interesses e ameaça a Guiana. O Perú e o Chile armam-se e ameaçam-se mutuamente. A Guatemala quer anexar Belize. Na África, acentuaram-se os conflitos territoriais. Além dos objetivos próprios, condenáveis, das classes dominantes desses países, há também manejos do imperialismo procurando utilizar os conflitos e as disputas para reforçar suas posições. O tão decantado desenvolvimento das forças produtivas nos países atrasados resultou num desenvolvimento dependente, subordinado ao capital estrangeiro, inteiramente contrário aos interesses dessas nações.

E nem poderia ter ocorrido de maneira diferente. Porque o que se denomina de terceiro mundo, na realidade, são as classes dominantes dos países semi-coloniais e dependentes, os governos que as representam. Essas classes, em geral, são reacionárias, sempre estiveram ligadas, de uma ou de outra forma, ao imperialismo. Nunca pretenderam destruí-lo. São guardiãs de estruturas retrógradas. Acossados pelas dificuldades e pressionadas seriamente pelo movimento revolucionário, passaram a reivindicar certas vantagens. Porém, as soluções que apresentam, sejam de ordem econômica ou política, se entrelaçam com a "compreensão" e a "ajuda" dos países desenvolvidos, isto é, dos grandes monopólios. Querem, como elas mesmas dizem, renegociar com o imperialismo. Não representam o verdadeiro movimento democrático e antiimperialista que cresce, indiscutivelmente, em quase todos os recantos do globo. Ao contrário. Esse movimento que agrupa a maioria de cada nação luta decididamente contra tais classes e tais governos, traidores dos interesses nacionais.

Como se pode, pois, afirmar serem essas forças reacionárias o motor do desenvolvimento social? Como admitir, sem incorrer em grave desvio oportunista, que esse conglomerado heterogêneo vinculado aos monopólios constitua o bastião da luta contra as superpotências e pela libertação do jugo do imperialismo? Os camaradas albaneses têm toda razão quando asseveram que "considerando globalmente o chamado terceiro mundo como a força principal da luta contra o imperialismo e da revolução, como fazem os partidários da teoria dos Três Mundos, sem fazer nenhuma distinção entre as autênticas forças antiimperialistas e revolucionárias, e as forças pró-imperialistas, reacionárias e fascistas que detêm o poder numa série de países em vias de desenvolvimento, significa afastar-se de maneira flagrante dos ensinamentos do marxismo-leninismo e pregar pontos de vista tipicamente oportunistas, causando confusão e desorientação entre as forças revolucionárias."

É um engodo chamar os povos a cerrar fileiras em torno do terceiro mundo, ou seja, das forças reacionárias dos países subdesenvolvidos. Desse modo eles não conseguiriam resolver seus problemas fundamentais, sacudir o jugo da opressão e derrotar seus inimigos jurados.

Os terceiro-mundistas iludem a revolução, não a desejam nem lutam por ela. Porque a revolução - necessidade objetiva para a libertação nacional

- social - dirige-se contra o inimigo externo e igualmente contra os governos reacionários e fascistas dos países semicoloniais e dependentes. Eles, os terceiro-mundistas, formularam a tese de que a tarefa fundamental desses países é a conquista da independência econômica, uma vez que a independência política já existiria. Esta tese, de cunho reformista, vem ao encontro das aspirações da burguesia reacionária. Ao separar mecanicamente a independência econômica da independência política negam a necessidade da revolução, submetem a luta dos povos à direção da burguesia que supostamente estaria pugnando pela independência econômica, quando, na verdade, abre as portas de seus países ao capital estrangeiro e faz acordos escravizadores com o imperialismo. Indubitavelmente, a conquista da verdadeira independência política é a premissa fundamental à realização da independência econômica. Sem aquela, esta não será conseguida. Justamente por isso é preciso fazer a revolução, dado que nenhum ou quase nenhum dos chamados países do terceiro mundo desfrutam autêntica independência nacional. Estão, de uma maneira ou de outra, presos às malhas da rede de dominação imperialista, sofrem o jugo opressor dos monopólios alienígenas e mantêm uma estrutura agrária retrógrada. Seus governos geralmente são antipopulares. Os povos das nações oprimidas "só podem liquidar a exploração e a opressão imperialistas -dizia o artigo de A CLASSE OPERÁRIA, de julho de 1973 - trilhando o caminho da revolução. Esta tem que varrer os principais obstáculos ao progresso e à independência nacional, afastar do poder as forças reacionárias, pôr à margem os setores conciliadores, liquidar a máquina burocrática, assegurar amplas liberdades para as massas e criar forças armadas populares". Assinalava ainda que semelhante tarefa exigia a direção do proletariado e uma adequada perspectiva socialista.

Não é justo falar em ascensão do chamado terceiro mundo. Em ascenso está o verdadeiro movimento democrático e antiimperialista que se desenvolve em quase todos os continentes, enfrentando a mais brutal reação das classes dirigentes reacionárias desses países. Tal movimento, e não o terceiro mundo, deve ser considerado como apoio e aliado da revolução mundial, um dos pilares em que se assenta a estratégia do proletariado internacional. É falso confundir esse movimento com os governos reacionários. Seria fugir aos princípios da luta de classes, cair no atoleiro do reformismo, do nacionalismo estreito e antiprogressista, ajudar, no plano mundial a manutenção do sistema capitalista em sua última fase e debatendo-se na crise geral.

Segundo mundo, invenção oportunista

No esquema estratégico da teoria dos Três Mundos aparece também um denominado segundo mundo, apresentado como vítima da espoliação e da opressão do imperialismo ianque e do social-imperialismo soviético. Estaria sob a ameaça imediata da dominação russa e se oporia à crescente pressão dos Estados Unidos. Seus componentes seriam os países imperialistas da Europa e da Ásia, e mais o Canadá, a Austrália e os satélites europeus da União Soviética. Teriam reivindicações comuns que os aproximariam dos países dependentes do terceiro mundo, ao qual poderiam ajudar e com ele aliar-se para a luta contra as superpotências.

Esse segundo mundo, na verdade, é uma invenção oportunista. Se bem que existam ameaças social imperialistas e pressões norte-americanas, os países da Europa Ocidental, o Japão, o Canadá e a Austrália são aliados dos Estados Unidos e não dos países dependentes. O outro bloco, da Europa Oriental, em que pesem os descontentamentos subjacentes, é aliado da União Soviética. Embora deslocados de seus antigos domínios pelo movimento revolu-

cionário, os países da Europa e o Japão continuam tal e qual eram antes, espoliadores e exploradores dos povos. Sua natureza rapace e belicista não mudou. Todos eles aplicam formas neocolonistas em suas relações com os países atrasados. Todos aproximam-se das classes dominantes reacionárias das nações oprimidas visando a estabelecer as pontes necessárias à sua penetração econômica e ao reforçamento de sua influência política.

A ajuda do segundo ao terceiro mundo é uma balela. Seria completa ausência de espírito revolucionário ver, por exemplo, no acordo nuclear da Alemanha Federal com a ditadura brasileira uma ajuda aos esforços do nosso povo por sua real independência. Esse acordo, profundamente nocivo aos interesses fundamentais do Brasil, combatido por amplas forças patrióticas, é um alto e rendoso negócio para os monopolistas germânicos, o meio de eles porem as mãos nas reservas de urânio do país e, sobretudo, de contribuir para o armamento nuclear da Alemanha. Servirá também ao regime militar brasileiro para fabricar a arma atômica destinada a ameaçar os povos vizinhos e a satisfazer as ambições megalomaníacas, de grande potência, dos generais fascistas.

Atualmente, a Alemanha Federal é um dos maiores investidores no Brasil, ocupa lugar imediato ao dos Estados Unidos. A finalidade de suas inversões em nada difere da dos monopólios ianques. Explora impiedosamente os trabalhadores e o povo brasileiro, arranca de seu trabalho e do saque às riquezas naturais lucros fabulosos. Acaso é diferente a atuação dos monopolistas germânicos em outros países? Por toda a parte procede de igual maneira.

Os países ditos do segundo mundo não só invertem capitais, exploram as matérias-primas, realizam empréstimos leoninos, efetuam onerosas assistências técnicas ou procuram garantir posições importantes no mercado interno dos países subdesenvolvidos. Atuam também, e cada vez mais abertamente no campo político, tratando de reforçar aí sua influência. É sabido que a Alemanha Federal, aliada aos Estados Unidos ou por conta própria, realiza intensa atividade nesse sentido, tentando barrar processos políticos inconvenientes ao imperialismo. Em Portugal e na Espanha financiou e deu apoio político aos denominados círculos moderados desses países, com a intenção de evitar o avanço da esquerda. Na América Latina busca estruturar um movimento social-democrata (ou democrata-cristão) como anteparo às forças revolucionárias após a queda das ditaduras que ali proliferam. A França - que ainda possui colônias - intensifica sua atuação na África, procurando reunir em torno da metrópole os países outrora sob o seu domínio. Vende-lhes armamentos sofisticados, acompanhados de técnicos e assessores franceses. Toma parte inclusive em ações militares, como no caso do Tchad e do Zaire. A Inglaterra, que agride o povo da Irlanda, e realiza ações de guerra contra a Islândia, prossegue congregando as antigas colônias na Comunidade Britânica. Ainda que tenham perdido a "magnificência colonial", os países imperialistas da Europa e da Ásia não deixaram de ser monopolistas e colonialistas. Os ingressos financeiros provenientes dos seus capitais no exterior, do comércio desigual com os países subdesenvolvidos, da venda de armas, dos juros de empréstimos usurários, etc., representam ainda parte considerável da renda nacional, ou seja, do volume global de lucros capitalistas. São inimigos da revolução, adversários da liberdade e da independência dos povos oprimidos. Entre eles há contradições, assim como deles com o imperialismo ianque e o social-imperialismo russo. Mas são contradições inevitáveis entre os exploradores, entre feras do mesmo covil.

A apregoada união desse "mundo" com o chamado terceiro mundo não serve à política de libertação nacional, mas à da aliança dos países imperialistas da Europa e Ásia com as classes dominantes reacionárias das nações oprimidas. Ajuda-os a reconquistar posições perdidas e a incrementar a espoliação que já realizam. Tão nociva orientação engana os povos com uma perspectiva falsa, cria confusão no movimento democrático e antiimperialista. Naturalmente, pode-se e deve-se utilizar habilmente, e sempre que possível, as contradições no campo imperialista, nunca, porém, admitindo que o inimigo se transforme em amigo, objetive os mesmos fins que os seus, ou se disponha a liquidar o sistema ao qual pertence e defende de unhas e dentes.

Momento de Decisão

A teoria dos Três Mundos opõe-se frontalmente à doutrina marxista - leninista. Distintos são os caminhos que uma e outra indicam. Um caminho leva à revolução (de libertação nacional e social), o outro à manutenção do sistema capitalista-imperialista. Um, favorece a luta pela hegemonia do proletariado; o outro, coloca a classe operária e as forças progressistas a reboque da burguesia. Um, ajuda a reforçar os Partidos Comunistas e a despertar e unir as grandes massas exploradas e oprimidas; o outro, desintegra os partidos das forças de vanguarda, dissolve os movimentos revolucionário numa frente onde predominam as correntes reacionárias. Um, eleva a consciência política e a combatividade dos trabalhadores e das massas populares; o outro, rebaixa a consciência de classe do proletariado.

A revolução é o objetivo essencial da classe operária, a tendência irresistível da nossa época. Desde 1848, com o Manifesto Comunista de Marx e Engels, o proletariado levantou bem alto sua bandeira independente de combate à burguesia. E não fez apenas uma proclamação formal. Nesse mesmo ano, tentava na França alcançar seus objetivos socialistas. Voltou à carga em 1871, com a heróica e sempre lembrada Comuna de Paris. Venceu em 1917 na velha Rússia. Tentou obter o poder na Hungria e na Alemanha após a I Guerra. Triunfou mais tarde em vários países da Europa e da Ásia. Retrocedeu, com a traição revisionista, mas manteve-se gloriosamente na Albânia e na China. Quaisquer que sejam os zig-zags da História, o futuro lhe pertence. E por isso anuncia aos quatro ventos seus objetivos revolucionários, jamais esconde seus fins socialistas, sob nenhum pretexto, porque eles são o farol que ilumina as consciências e indica o caminho da vitória.

Em diferentes ocasiões houve tentativas de afastar o proletariado desse correto caminho. Baralhavam-se propositadamente as idéias transformadoras do mundo. Então, era chegado o momento das opções. Tais opções definiam revolucionários e oportunistas.

Atualmente, o movimento comunista e operário vive também um momento crucial; ele segue adiante na rota traçada por Marx, Engels, Lênin e Stalin, embora enfrentando dificuldades imensas, ou entra numa encruzilhada enganosa, ao aceitar teorias que nada têm de proletárias.

É hora de definições, momentos em que se revelam a estrutura ideológica e a política de cada partido, de cada dirigente, de cada militante de vanguarda. Quem não toma posição, na realidade, toma posição - inconsequente, vacilante, carente de espírito de decisão. A teoria dos Três Mundos não é uma opinião qualquer em face da qual pode-se manter neutralidade. Ela define rumos, é toda uma concepção que pretende ser a estratégi

a e a tática do proletariado revolucionário, demandando a organização de forças para levá-la à prática. Tem de ser combatida sem contemplações. Somente o combate poderá ajudar os equivocados honestos a corrigir seus erros.

O Partido Comunista do Brasil será coerente com a posição que tomou em 1962 ao romper com o revisionismo, ao manter os ideais da revolução e colocar-se ao lado dos que defendiam o marxismo-leninismo. Manifesta-se contra a teoria dos Três Mundos, contra a estratégia e tática dela decorrentes, contra a criação de falsos partidos marxistas-leninistas para sustentá-la. Há quatro anos passados, em "Acerca da Luta Antiimperialista", e mesmo antes, já se opunha aos intentos oportunistas de abandono do caminho comum traçado após o desmascaramento de Kruschov e seus asseclas. Continuará na mesma senda.

A unidade é uma grande coisa. Defenderemos a unidade do movimento revolucionário, baseada porém nos princípios. Saudamos a firme e corajosa posição do Partido do Trabalho da Albânia e de outros partidos irmãos que se definiram abertamente em defesa do marxismo-leninismo, contra a nova tendência oportunista em ação no plano mundial. São atitudes consequentes e de significado histórico que bem demonstram a vitalidade e a invencibilidade da doutrina e dos ideais de Marx, Engels, Lênin e Stálin, dos revolucionários proletários da época atual. O marxismo-leninismo acabará vitorioso em todo o mundo. Embora no presente a revolução proletária tenha sofrido reveses, com a traição dos revisionistas, os fatores que a determinam continuam a se desenvolver intensamente, e numa escala gigantesca. Virá o dia em que a Humanidade dará um novo e portentoso salto em direção ao socialismo e ao comunismo.

CONDENAÇÃO DE COMUNISTAS PELA JUSTIÇA MILITAR

A Justiça Militar, em São Paulo, vem de condenar vários militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil. As penas vão de 3 a 5 anos com a perda de direitos políticos por dez anos. A maior parte dos condenados já haviam sido sentenciados, em processos anteriores, a outras penas de igual duração. Os que se encontram presos deverão cumprir, assim, dez ou mais anos de reclusão.

O processo, forjado nos quartéis e dependências da polícia política, relaciona-se com os acontecimentos ocorridos em 15 e 16 de dezembro passado, quando o Exercito prendeu os participantes de uma reunião num bairro de São Paulo e assassinou três dirigentes comunistas.

Os presos foram submetidos a bárbaras torturas, relatadas em documentos do próprio punho das vitimas encaminhadas à Justiça Militar. Dessas torturas os juízes não tomaram conhecimento. Tampouco da denúncia de que Jover Teles e José Novais, detidos na manhã do dia 16 de dezembro e incluídos no processo, desapareceram misteriosamente após sua prisão.

Esse julgamento e sua decisão atestam o ódio dos militares fascistas à luta dos patriotas e democratas e, sobretudo, dos revolucionários proletários. Os comunistas são levados ao banco dos réus porque lutam conse -

quentemente pela liberdade, pelas arpirações da classe operária e das massas populares, pelos interesses da nação. E os condenam porque estão nas primeiras filas dos que combatem a ditadura sanguinária e entreguista. São esses, aliás, os fundamentos nos quais se baseia a sentença proferida, que somente pode orgulhar aqueles que a recebem de cabeça erguida.

A Justiça Militar é um instrumento do regime fascista. Julga e decide conforme a vontade dos chamados órgãos de segurança. Não tem independência, nem autoridade moral e jurídica. Seus juízes são escolhidos a dedo entre os mais raivosos inimigos da liberdade e dos direitos dos cidadãos No curso do julgamento, ameaçam os advogados, impedem que os acusados usem da palavra para denunciar as atrocidades contra eles cometidas e os crimes do regime fascista. Proíbem que o povo e até mesmo os amigos e familiares dos réus assistam às sessões de julgamento.

Os comunistas não temem a arrogância dos juízes ou as pesadas penas que lhes possam impor. Não pactuam nem conciliam com os algozes do povo. Proclamam abertamente sua condição de militantes do Partido da classe operária, não vacilam em defender a política do Partido e os objetivos que perseguem A razão está com eles. Chegará o dia em que os réus serão outros, diante do tribunal popular. Esse bando de assassinos, de torturadores, de vendedores da pátria, de esfomeadores das massas, de serviçais do capital estrangeiro, de juízes policiais, hoje desfrutando do poder usurpado por um golpe militar, terão de responder pelos monstruosos crimes que praticam.

A condenação de militantes e dirigentes comunistas, bem como de outros patriotas, vem indicar a necessidade de ser intensificada a campanha de solidariedade aos presos políticos, pelo direito de receberem visitas, de contarem com assistência médica, de obterem alimentação de boa qualidade, de não serem confinados em celas e solitárias, de não sofrerem castigos por sua correta atitude na prisão. Esta campanha é parte da luta pela convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, pela abolição dos atos e leis de exceção, pela anistia geral. De seu lado, os presos políticos continuam, por outras formas, a luta que vinham realizando contra o regime dos generais e em defesa de seus direitos.

O povo brasileiro há de arrancar dos cárceres os presos políticos, homens e mulheres, combatentes da grande causa da democracia, da independência nacional e do socialismo. Há de derrubar a ditadura militar-fascista.

HONRAR O TÍTULO DE MEMBRO DO PARTIDO

Para conquistar êxitos na vinculação dos princípios do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução brasileira é absolutamente necessário conseguir que a classe operária ganhe e assegure o posto dirigente no atual processo político. Justamente por isso, destacam-se cada vez mais o papel e as responsabilidades crescentes de nosso partido como autêntica vanguarda revolucionária do proletariado brasileiro.

É dever imperativo de nosso Partido, de todo o seu coletivo de militantes e dirigentes, ter uma clara compreensão de que se avolumaram suas

responsabilidade pelo destino do processo revolucionário brasileiro, ao mesmo tempo em que as circunstâncias nos brindem possibilidades ilimitadas de conseguir sucessos em nosso trabalho. Antes e acima de tudo, nosso Partido deve ajudar a classe que lhe deu origem, e que lhe dá vitalidade e força, a tomar maior consciência de sua missão histórica e de suas tarefas atuais e futuras, a lutar melhor por sua emancipação social e pela libertação de nosso povo da tirania militar fascista, do jugo do imperialismo, dos latifundiários e dos grandes capitalistas ligados ao capital estrangeiro. Não pode haver lugar em nosso Partido para atitudes de expectativa e de passividade. As fileiras partidárias orientam-se e mobilizam-se em função de posições revolucionárias e de conduta decidida, da participação política em todos os tipos de protestos e de lutas de massas, seja onde for e em qualquer situação.

O momento político está a exigir imperativamente a necessidade de desenvolver e ampliar os protestos e as lutas. O atendimento desta exigência depende, numa grande medida, da intensificação da atividade política e revolucionária de todo o Partido, de maiores esforços, persistência, combatividade e abnegação de seus organismos e militantes junto às massas, para despertá-las politicamente e para preparar, desencadear e desenvolver suas ações, desde as mais simples às de maior envergadura.

Nas duras e difíceis condições de clandestinidade, nas situações mais adversas, o Partido deve jogar o seu papel de vanguarda. Isto exige atuação firme e corajosa de seus militantes e dirigentes. Para honrar sempre o elevado título de membro do Partido, seus militantes e dirigentes devem cumprir fielmente as exigências leninistas estabelecidas nos Estatutos, pôr em prática os deveres partidários.

Os deveres de membro do Partido

Se o Partido é a vanguarda revolucionária organizada e consciente da classe operária e se esta é a única força capaz de dirigir a transformação revolucionária da sociedade brasileira e conduzir a revolução popular e o socialismo à vitória, ser membro do Partido é estar à altura daquela condição de vanguarda e contribuir em tudo e por tudo para a realização de tão grandiosos objetivos. Nada há de superior, portanto, ao título de membro do Partido Comunista do Brasil. Este honroso e elevado título está claramente expresso nas exigências leninistas para ser membro do Partido e na especificação de seus deveres. De absoluta necessidade e indiscutível importância são os deveres do membro do Partido.

Quais são esses deveres? Zelar e lutar intransigentemente pela unidade ideológica, política e orgânica do Partido e ao mesmo tempo observar e defender a disciplina partidária. Contribuir para a elaboração da linha política, procurar assimilá-la e trabalhar por sua justa aplicação, participando ativamente da vida política partidária e lutando sem descanso pelo fiel cumprimento das decisões e tarefas. Ser, por seus atos cotidianos, o melhor, o mais dedicado e mais honrado servidor das massas. Tudo fazer para explicar-lhes o significado da política do Partido e de suas posições revolucionárias, para conquistar para as fileiras partidárias os autênticos combatentes de vanguarda que existem no seio das massas, nas fábricas, fazendas, escolas, bairros e povoados. Esforçar-se constantemente para elevar seu nível de consciência política e ideológica e para conhecer a experiência revolucionária do Partido, buscando assimilar a linha política do Partido e os princípios do marxismo-leninismo. Praticar a auto-criti

ca e a crítica e estimular seu desenvolvimento, lutando intransigentemente contra o revisionismo e todo tipo de oportunismo, contra as tendências nacional e social-reformistas, apontando as deficiências na atividade partidária, combatendo os erros e debilidades e tudo fazendo para os eliminar. Subordinar incondicionalmente seus interesses pessoais aos interesses superiores do Partido, não temendo as dificuldades, as adversidades e os sacrifícios, combatendo o individualismo e defendendo a camaradagem comunista, levando vida modesta e exemplar, e regendo toda a sua vida pelos elevados princípios da moral comunista. Continuar a desenvolver atividade partidária se por qualquer razão perder o contato com o Partido e procurar orientar-se em todas as situações pela linha política, não hesitando em assumir responsabilidades para tomar decisões e executar tarefas, mantendo-se confiante e otimista nas horas difíceis, sereno e prudente nas vitórias. Ser sincero, honesto e leal para com o Partido, não permitindo que se oculte ou se desvirtue a verdade, compreendendo que todos os atos na vida de um comunista se refletem na vida do Partido e na sua fisionomia de vanguarda perante as massas. Guardar rigorosamente os segredos do Partido e manter sempre vigilância e firmeza comunistas no trabalho clandestino, na atividade legal de massas e diante de qualquer inimigo de classe do proletariado, dando, se necessário, a própria vida - o ódio de classe ao inimigo e a fidelidade ilimitada ao Partido são imprescindíveis em todos os domínios e circunstâncias.

Os deveres de membro do Partido, em particular a mais completa dedicação e lealdade à causa do Partido e da classe operária, da revolução e do socialismo, consubstanciam as qualidades revolucionárias de combatentes de vanguarda que os comunistas precisam expressar no seu comportamento e nos seus atos. As qualidades do comunista se forjam no Partido e na atividade revolucionária em todos os campos da luta de classes. É no cumprimento de seus deveres e no aperfeiçoamento de suas qualidades que o membro do Partido adquire as condições de verdadeiro revolucionário proletário, de combatente de vanguarda, de homem de têmpera especial. Os comunistas constituem a parcela da classe operária mais esclarecida politicamente, mais temperada ideologicamente, mais organizada e mais experiente, mais firme e mais abnegada, em condições, portanto, de guiá-la no caminho difícil e áspero da revolução e do socialismo.

Firmeza em qualquer circunstância

Sejam quais forem as tarefas a enfrentar e as lutas a desenvolver os riscos e as vicissitudes, as dificuldades e sacrifícios, o comunista tem o dever de dar o melhor de si ao Partido, inclusive sua propria vida, ter desprendimento e valentia, amor e paixão revolucionárias. Todo membro do Partido tem por dever conservar aguda vigilância revolucionária e não subestimar a atividade insidiosa do sistema repressivo, saber que uma pessoa prudente e precavida vale por dez, ser particularmente rigoroso no trabalho ilegal ou entre as massas para produzir mais e melhor para o Partido. Na atividade legal de massas, nas greves, nas manifestações, nos choques violentos com as forças militares e policiais, ser exemplo de combatente revolucionário de vanguarda, hábil e destemido dirigente de massas, nunca faltar à confiança do Partido. Nas câmaras de tortura não dizer uma só palavra nem fazer qualquer declaração que comprometa o Partido ou qualquer camarada ou amigo, não ter ilusões no inimigo de classe e não se deixar enganar em nenhum momento, conservar o sangue frio e manter alta a chama de sua dignidade de comunista que não vacila, não concilia

nem se verga. Nas prisões e nos tribunais, apesar de sozinho ante o aparato repressivo, e num combate aparentemente desigual, o comunista deve ter sempre presente que é mais forte, muito mais forte que seus desprezíveis algozes, pois mantém a serena dignidade daquele que cumpre o seu dever e sabe que os ideais comunistas não são metais que se fundem. Suas convicções e seus sentimentos revolucionários proletários, sua vontade inabalável de comunista são mais fortes, muito mais fortes que todos todos os seus torturadores, porque as suas armas são a força imbatível de um digno representante do Partido e do povo trabalhador e sua causa é a da revolução e do socialismo, causa que triunfará inevitavelmente. Nas mãos de seus inimigos de classe, o comunista sabe que bem próximo dele estão os seus camaradas de combate e que com ele está a gloriosa bandeira vermelha do Partido, do qual é ali, naquela frente de batalha, o seu mais leal representante. Quanto mais dura a forma de luta de classes e mais difícil a prova, frente a frente ao inimigo de classe, o comunista deve ter completa consciência do combate que trava e, assim, conservar sempre uma posição combativa e valente, pois sabe que o posto de luta em que se acha é parte integrante do grande campo de batalha da revolução.

O comunista representa em qualquer situação o próprio Partido. Quando se trata de um dirigente, as exigências são maiores ainda, pois as suas responsabilidades são superiores às dos militantes. Muitas vezes, os dirigentes encarnam de tal forma os ideais do Partido que as massas o vêem como exemplos vivos em sua vida cotidiana. Em todos os casos, mas nestes especialmente, honrar o título de membro do Partido deve significar a razão primeira de suas vidas. O dirigente se forja todos os dias e amadurece a cada prova que a vida partidária lhe oferece. Cada comunista, seja dirigente ou militante, deve ter sempre presente o que dizia Lênin ao falar do Partido Comunista: "Ele é a consciência, a honra e a inteligência de nossa época".

Honrar o elevado título de membro do Partido Comunista do Brasil é esforçar-se por assimilar e aplicar o marxismo-leninismo e não apenas alguns de seus princípios, a ideologia proletário-socialista e não um ou outro de seus componentes, a linha revolucionária do Partido e não este ou aquele de seus aspectos - realizar todas as tarefas partidárias, e não uma ou outra tarefa, aquela que parece mais fácil. Dignificar o título de membro do Partido é ter a preocupação constante de alcançar e desenvolver as qualidades comunistas enquanto combatente revolucionário de vanguarda do proletariado. A principal preocupação do membro do Partido é lutar de corpo e alma para ser comunista a vida inteira e não buscar ser o "companheiro de viagem" de que falava Lênin, estar sempre mobilizado numa militância ativa e continuada, cheia de vigor proletário, de impulso revolucionário, de coragem comunista. Se há uma tradição proletário-revolucionária que nosso Partido procurou manter sempre viva é a de que o dirigente e o militante têm o indeclinável dever comunista de sustentar firmemente, em cada momento e em quaisquer circunstâncias, na mais dura clandestinidade, nos combates mais aguerridos ou nas câmaras de torturas e nos presídios da burguesia, esta legenda heróica: "PRIMEIRO O PARTIDO, DEPOIS A TUA VIDA, SE POSSÍVEL".

A vida de nosso Partido está cheia de exemplos edificantes de firmeza e bravura, exemplos de como é perfeitamente possível ao comunista enfrentar com galhardia todas as provas e permanecer fiel ao Partido e à classe operária, fiel à causa da revolução e do socialismo a vida inteira'

até o último instante de sua existência. Danielli, Guilhardini, Oest, Pomar, Arroio, Francisco Chaves, Bicalho, Drumond, Helenira, tantos e tantos outros heróis de nosso Partido são exemplos magníficos a indicar o caminho da revolução e do socialismo no Brasil. Suas vidas de combatentes revolucionários proletários, que caíram com glória nos campos de batalha da luta de classes, permanecerão para sempre gravadas na memória dos comunistas brasileiros e no coração de nosso povo. São fontes de inspiração constante a nos exigir fidelidade absoluta aos ideais pelos quais derramaram seu sangue generoso - os ideais comunistas.

Levantemos sempre mais altas as suas bandeiras de combate que nunca foram outras senão as bandeiras vermelhas do Partido Comunista do Brasil - guia e esperança do povo brasileiro.

ESCALADA DA CENSURA E DO OBSCURANTISMO

Recentemente, o Ministério da Justiça, fazendo uso de uma portaria, passou a submeter à censura na Alfândega e nos Correios todos os livros e revistas importados. É mais um ato do regime militar que condena o povo brasileiro ao retrocesso e ao obscurantismo. Também o general de plantão, Ernesto Geisel, através de medida ditatorial, proibiu a participação de políticos oposicionistas no rádio e na televisão.

Essas duas medidas da ditadura militar-fascista fazem parte de uma extensa frente de ação contra o desenvolvimento da cultura nacional, o avanço da ciência e a elevação do nível político do povo. Desde o golpe militar de 1º de abril de 1964, os donos do poder vêm intensificando a censura em todos os domínios da atividade política, literária, artística e científica.

A ditadura contra o pensamento político, a cultura e a ciência

A ação e o pensamento políticos estão submetidos a toda sorte de violências por parte dos censores do regime. A censura e as medidas de arbítrio do governo atingem até mesmo os setores liberais do MDB, sobretudo seus representantes mais combativos. A partir de 1964, a ditadura já cassou e suspendeu os direitos políticos de 194 parlamentares, fechou o Congresso (de fachada) três vezes e condenou à prisão vários deputados. Mesmo os discursos dos parlamentares, no âmbito restrito do Congresso e das Assembléias estaduais, estão submetidos à censura. Cerca de cinco mil brasileiros já tiveram seus direitos políticos cassados.

A imprensa está sob controle e subjugada a leis fascistas. Nos anos de 1972 a 1974, os militares impediram (e ainda continuam a impedir) que os jornais e revistas divulgassem a luta guerrilheira no Araguaia. A imprensa independente, que luta com obstinação para sobreviver, está sujeita à censura prévia. A televisão e o rádio, veículos de informação que alcançam amplas parcelas do povo, têm seus noticiários e programas controlados. Inúmeras são as portarias e normas arbitrárias que regulam seu funcionamento. A censura atua utilizando inclusive o simples telefonema das autoridades policiais. Há vários casos de interdição e fechamento sumário de emissoras de rádio.

No campo da literatura e da arte, o regime dos generais realiza verdadeiro gangsterismo cultural, responde com o argumento da força bruta ao pensamento avançado e às ideias liberais. Nas universidades e em outros centros de estudo, os livros de notáveis pensadores progressistas são vistos com suspeição pelos prepostos do regime, e a doutrina social de vanguarda, o marxismo, não pode ser estudada. Mesmo as idéias expressas na Declaração de Independência dos Estados Unidos, de 1776, ou na Declaração dos Direitos Fundamentais do Homem, aprovada na ONU, são vetadas pelos censores oficiais. O país atingiu um ponto em que os detentores do poder expurgam obras que consideram um atentado à "pureza doutrinal" (leia-se: fascista) do sistema. Os escritores e poetas vêm sendo impedidos de se manifestar livremente. As leis e normas restritivas afetam também o editor, o livreiro e o leitor, cerceando a ampla circulação do livro. O movimento artístico que florescia no início da década de 60 está contido. A censura continua impedindo o lançamento de canções populares que falam das condições de vida das massas trabalhadoras, que cantam a liberdade e enaltecem a luta do povo. Muitos compositores chegam a fazer cinco ou mais canções para conseguir a liberação de uma, com cortes. O teatro e o cinema já não podem expressar a realidade social e cultural do país. Nestes últimos seis anos, mais de duzentas peças teatrais foram proibidas. Não é diferente a situação do cinema. Os roteiros dos filmes são submetidos previamente aos censores. Centenas de películas encontram-se armazenadas nos arquivos da censura federal. Há casos em que produções brasileiras embargadas pela censura vêem-se forçadas a adquirir outra nacionalidade a fim de serem exibidas fora do país. A censura alcança também as artes plásticas. No ano passado, em Belo Horizonte, a polícia interditou um exposição de pintura da qual constava um quadro, aliás premiado, que refletia de certa forma a luta guerrilheira do Araguaia.

Os meios científicos não são imunes à ação anti-progressista do regime atual. Desde há muito, inúmeros cientistas deixaram o país em busca de liberdade e melhores condições de trabalho. Os militares relegam a plano secundário o desenvolvimento científico nacional. A SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), que conta com quase trinta anos de existência e possui milhares de sócios, é submetida a pressões e restrições por parte dos generais. Ainda há pouco a ditadura procurou impedir a realização da 29a. reunião anual dessa sociedade científica.

Censura e obscurantismo são vitais para o Estado fascista

A cada dia o regime militar aumenta sua aparelhagem coercitiva e aperfeiçoa métodos para espionar e censurar a atividade política dos brasileiros. O país retrocede para além da República Velha e não fica em desvantagem com a prática do Santo Ofício no fim da Idade Média. Constituiu-se em todo o território nacional extenso corpo de censores, de policiais, de provocadores, de espiões, de alcaguetes, de "dedos-duros", etc. O governo brasileiro pagou mais de trinta milhões de dólares por aparelhos eletrônicos de escuta e gravação destinados a policiar a vida dos cidadãos.

A Polícia Federal, ligada ao Ministério da Justiça, e os Departamentos de "Ordem Política e social", das Secretarias de Segurança dos Estados, além de suas funções repressivas, exercem também as de polícia literária. A fim de censurar jornais, rádios, apresentações musicais e artísticas, reuniões culturais, etc., a ditadura ampliou a função do censor e multiplicou o número dos seus componentes. Milhares de pessoas são recrutadas para esse trabalho obscurantista. A censura passou a ser matéria de aprendizado até nos cursos universitários nas áreas de comunicação.

Para sobreviver, o regime necessita de mais repressão e censura. Por esse meio, os militares tentam deixar a maioria da nação no atraso, afastada do progresso do conhecimento humano, à margem dos acontecimentos mais importantes da época. As amplas massas são condenadas a viver na ignorância. Este é o quadro comum a todos os regimes fascistas, que para defenderem privilégios ultra-retrógrados impedem o avanço cultural e as manifestações de sentido político progressista.

Contra a censura e o obscurantismo, têm-se levantado intelectuais, artistas, jornalistas, cientistas, setores populares. Cresce o movimento em favor da liberdade de criação, de cátedra, de pesquisa, de imprensa, de debates políticos. No começo deste ano, um manifesto com mais de mil assinaturas de intelectuais e artistas denunciava a repressão contra a liberdade de expressão do pensamento, exigia a revogação dos atos que impedem a circulação de livros, reclamava a liberação de peças teatrais, filmes e músicas retidos pela Censura. Outro documento assinado por mais de dois mil jornalistas relatava o clima intolerável imposto pela Censura aos meios jornalísticos e clamava por liberdade de imprensa. Igualmente, professores do Rio e de São Paulo demandavam, num documento público, liberdade de ensino e melhores vencimentos. A luta dos cientistas brasileiros pela apresentação e discussão coletiva dos seus trabalhos vem tomando impulso. Grande número deles denunciou ainda há pouco, a real situação a que foi relegada a pesquisa científica e exigiu apoio efetivo à ciência nacional. Várias têm sido as declarações, notas e manifestos da OAB, ABI e CNBB, verberando as arbitrariedades ditatoriais e a censura. O vigoroso movimento dos estudantes, de amplitude nacional, tem erguido também a bandeira da luta contra o obscurantismo e a censura e em prol da liberdade.

Deste modo, a resistência popular e democrática avança, unindo seus esforços na luta comum pela liberdade, retomando a iniciativa no combate à ditadura militar-fascista. Esta, incapaz de satisfazer qualquer aspiração do amplo movimento de aspiração democratica prosseguirá utilizando a força e a intimidação para tentar manter-se no poder. Mas será afinal derrotada.

A censura e o obscurantismo somente serão varridos do país com a derrubada da ditadura, com a instauração de um regime de efetivas liberdades para o povo.

SAUDAÇÃO DOS COMUNISTAS DO DAHOMÉ AO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Os comunistas brasileiros receberam com grande satisfação a calorosa mensagem enviada pela União dos Comunistas do Dahomé por motivo do 55º aniversário de fundação e 15º de reorganização do PC do Brasil. Transcrevemos na íntegra essa afetuosa mensagem.

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Camaradas

Por ocasião do 55º aniversário de fundação do glorioso Partido Comunista do Brasil e do 15º aniversário de sua reorganização, é com alegria e emoção que a direção da União dos Comunistas do Dahomé (UCD), em nome dos

comunistas e do povo do Dahomé, dito Benin, lhes envia, e, por seu intermédio, a todos os comunistas, à classe operária e ao povo do Brasil calorosas saudações revolucionárias e fraternas.

Nossa alegria é grande porque nos regozijamos com as vitórias do PC do Brasil que, transpondo imensas dificuldades, mantém a tradição de luta revolucionária, de firmeza e de perseverança na defesa dos interesses e das aspirações das massas populares do Brasil, que consistem em libertar-se da dominação do imperialismo norte-americano, da exploração feudal capitalista, e em fazer triunfar o socialismo. O PC do Brasil acumula uma rica experiência na articulação do marxismo-leninismo à prática concreta da revolução brasileira, na aplicação de sua justa linha política. Esta tradição e esta experiência constituem uma fonte inesgotável de ensinamentos e de inspiração para uma jovem organização comunista como a nossa. Compartilhamos igualmente por ocasião da celebração desse duplo aniversário a emoção que atinge os comunistas e o povo do Brasil à lembrança de numerosos mártires da revolução brasileira. Saudamos particularmente a memória dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio, e João Batista Drumond, membros do Comitê Central do PC do Brasil, cruelmente assassinados pela clique fascista de Geisel em dezembro de 1976. Já em 1943, o camarada Pedro Pomar estava entre os camaradas que organizaram a Conferência da Mantiqueira para reconstruir em escala nacional o PC do B, então praticamente desmantelado pela repressão dos fascistas do pretendido Estado Novo, saído do golpe de Estado fascista de 10/11/37. Os camaradas Pedro Pomar e Ângelo Arroio, que eram membros da Comissão Executiva do Comitê Central, deram uma contribuição ativa à reorganização do Partido, o que ocorreu há quinze anos para preservar ao proletariado brasileiro sua organização de vanguarda independente, seu partido marxista-leninista autêntico. A perda sofrida pelo Partido Comunista do Brasil e pelo povo do Brasil com a morte heróica dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, é, sem dúvida alguma imensa. Mas as forças fascistas e reacionárias se enganam se pensam que o assassinato dos melhores filhos do povo pode impedir a cólera popular e paralisar a marcha vitoriosa da revolução. A evolução recente dos acontecimentos no Brasil, país que a ditadura tenta transformar em prisão, mostra justamente o crescimento intenso do ódio do povo brasileiro contra seus inimigos, o isolamento cada vez maior da clique de Geisel, e o reforço da União do povo em torno do PC do B. O que demonstra claramente que, no lugar dos camaradas tombados, milhares de outros se levantarão e manterão bem alto a bandeira da luta contra o fascismo e a dominação imperialista norte americana, contra o revisionismo moderno e o social-imperialismo soviético.

Camaradas,

A União dos Comunistas do Dahomé tem um interesse todo especial pela história e pela rica experiência do PC do Brasil. Seus militantes e simpatizantes apreciam altamente a ajuda fraterna e internacionalista que o seu Comitê Central concede ao movimento revolucionário dos países da África, do Dahomé dito Benin em particular. O estudo da experiência do PC do B. contribuiu para reforçar no seio dos revolucionários do Dahomé a convicção de que sem a organização de um partido verdadeiramente comunista, fiel ao marxismo-leninismo, cujos ensinamentos ele aplique às condições concretas do país, ligado às massas e se engajando na via da violência revolucionária - é impossível não somente alcançar a vitória da revolução proletária e chegar ao comunismo, mas também conduzir com sucesso a revolução antiimperialista, democrática e popular.

No Dahomé, atualmente, o desenvolvimento de uma corrente comunista representada pela UCD no seio das classes e camadas populares semeia o

pânico entre os imperialistas, notadamente os franceses e seus valetes no poder e fora dele. Eis a origem real da agressão imperialista de 16.1.77 que é, em última analise, dirigida contra nosso povo e a UCD. Com efeito, a UCD trabalha desde o seu nascimento para unir o povo em torno de sua linha política, chamando-o no presente momento a exigir o pão e a liberdade, e esclarecendo sobre o caminho a percorrer para conquistar a independência completa do país, destruir o aparelho de Estado neocolonial e instaurar um poder de democracia popular e de ditadura popular sobre as classes e camadas antinacionais e feudais - pilares e aliados do imperialismo, notadamente o francês, e do social-imperialismo.

Em toda a África, como em todo o mundo, os povos despertam. A luta de classes se desenvolve. A rivalidade entre as potencias imperialistas se acentua a fim de proceder a uma nova partilha de zonas de influência. Tudo isto coloca como necessidade imperiosa a constituição de verdadeiros partidos marxistas-leninistas nos países africanos. A experiência mostra que na América Latina o nascimento e o reforço de novos partidos marxistas-leninistas permitiu não somente reerguer a bandeira da revolução traída pelas cliques revisionistas, mas também liquidar a influência dessas cliques no seio das massas e fazer fracassar a teoria aventureira do "foco" que nega o carater de massa da luta armada revolucionária, teoria veiculada e aplicada pelos dirigentes cubanos. A Declaração conjunta das delegações dos partidos marxistas-leninistas da América Latina, presentes no VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, atesta justamente essas brilhantes vitórias. Ela sublinha notadamente que "os partidos marxistas-leninistas se transformam em forças dirigentes do movimento revolucionário nacional-democrático e popular; eles mostram a via da revolução, a luta armada de massas e a mais larga unidade de todas as forças e correntes progressistas como a única via capaz de conduzir os povos à conquista de sua verdadeira libertação". Esta experiência fundamenta nossa convicção de que na África, igualmente, o nascimento e o desenvolvimento de verdadeiros partidos comunistas permitirá mobilizar e unir as massas populares a fim de derrubar a dominação do imperialismo, sobretudo norte-americano, da reação e combater as atividades subversivas e expansionistas do social-imperialismo soviético em nosso continente - e desmascarar o falso "internacionalismo proletário" dos dirigentes cubanos; estes, tornando-se instrumento do social imperialismo, tentam tornar acreditada a tese reacionário segundo a qual os povos africanos seriam incapazes de tomar em mão sua própria libertação. Não está longe o dia em que, guiados por autênticos partidos comunistas, contando com a ajuda inestimável da China e da Albânia socialistas, bastiões inexpugnáveis da revolução mundial - e do apoio de todos os povos progressistas do mundo - os povos africanos vencerão o imperialismo, o social-imperialismo e a reação, quaisquer que sejam as dificuldades a superar.

Desejamos ao glorioso Partido Comunista do Brasil novas e maiores vitórias.

Viva a unidade do movimento comunista marxista-leninista internacional!

Viva o internacionalismo proletário!

A Direção dos Comunistas do Dahomé
Março de 1977